



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10673 - Resumo Expandido - Pôster - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 17 - Educação Ambiental

REFLEXÕES SOBRE O MUNDO MAIS-QUE-HUMANO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Rafael Margatto Aloisio - UFPR - Universidade Federal do Paraná

REFLEXÕES SOBRE O MUNDO MAIS-QUE-HUMANO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Desde meados do século XX, quando a educação ambiental se tornou um campo de prática e pesquisa, diferentes autores tentam delinear os diferentes objetivos, abordagens e procedimentos necessários para educação ambiental. Atualmente, diferentes nomenclaturas estão sendo propostas e discutidas, como educação ambiental crítica, conservadora, entre outras, visto que, para alguns autores, restringir-se ao termo educação ambiental não tem sido suficiente para contemplar as diferentes perspectivas teóricas (IARED et al., 2021).

Como exemplo, cito a educação ambiental que é pautada em princípios marxistas da escola de Frankfurt. O trabalho de Eunice S. Trein, de 2012, intitulado de *A educação ambiental crítica: crítica de quê?*, situa referências marxistas para uma análise crítica da sociedade, do consumismo e da exploração do trabalho humano. Baseado em outros aportes teóricos, estão as emergências dos movimentos “pós”, pós-moderno, pós-estruturalismo, pós-humano (IARED, 2019). Com o surgimento destes movimentos de “viradas”, convergem diversas teorias que tentam se apropriar de concepções menos antropocêntricas, que se diferem e ampliam das teorias tradicionais e críticas, já existentes para educação ambiental (PAYNE, 2016). Neste trabalho, não pretendo aprofundar as aproximações e distanciamentos das tendências de educação ambiental, mas apresentar o referencial teórico-metodológico da minha pesquisa de mestrado (ainda em andamento) com o intuito de possibilitar novas lentes para compreender o ser humano para~com~no mundo. Neste âmbito, acredito que uma virada ontológica, que motive as capacidades criativas, reflexivas, afetivas e do diálogo, poderiam afastar percepções puramente racionais e hegemônicas e refletir sob a ótica do mundo mais-que-humano. O conceito mais-que-humano emerge de debates que buscam descentralizar a agencialidade do ser humano, assim como as dualidades existentes entre humanos~não-humanos, natureza~cultura, sujeito~objeto (SPRINGGAY; TRUMAN, 2017).

Em termos metodológicos, com as novas tensões sobre a investigação pós-crítica, observa-se também um movimento de resignificação nas pesquisas qualitativas, propondo ir além das formas convencionais de coleta e análise dos dados (LATHER; PIERRE, 2013). De acordo com Iared, Oliveira e Payne (2016), algumas dessas linhas teóricas e metodológicas contemporâneas se embasam na concepção de corpo como carne do mundo de Merleau-Ponty (2007). Para Iared, Oliveira e Payne (2016), o corpo sensível e sinestésico se move engajado

no mundo, e permite que as relações entre seres humanos e mundo mais-que-humano sejam apreendidas. Essa noção de corpo sensível e sinestésico são determinantes para metodologias que buscam compreender as relações e respostas do corpo imerso nas multissensorialidades do mundo (INGOLD; VERGUNST, 2008).

A ecofenomenologia, de acordo com Iared (2017;2019), é uma orientação filosófica que vem se apresentando de forma apropriada para educação ambiental, visto que, ela enfatiza a colaboração entre a fenomenologia e os princípios da ecologia profunda e do ambientalismo, além de erradicar os pressupostos antropocêntricos utilizados atualmente. A perspectiva ecofenomenológica vem se estabelecendo como o campo que possibilita um aporte teórico baseado nas experiências estéticas e sensíveis, vividas com a natureza (IARED, 2017; 2019). Nesse sentido, o movimento é parte fundamental para compreender as afinidades que os seres humanos possuem com o mundo mais-que-humano (CONOLLY, 2010).

De acordo com Barad (2003), o mundo é composto por fenômenos que agem de forma interatuantes, o que significa que eles se determinam por meio de seus emaranhamentos. Da mesma forma, para Ingold (2012) as coisas estão vivas e por isso elas vazam, isto é, o ser humano está em correspondência com as circulações de materiais que continuamente dão origem à forma das coisas. As coisas não existem como objetos discretos que se unem por meio de suas interações, mas são produzidos por meio dos emaranhamentos que marcam seus encontros. Assim, a virada ontológica privilegiaria as relações das coisas que acontecem em um mundo mais-que-humano. Tim Ingold (2012) reflete conceitos antropológicos de caráter dualista, como as relações entre pessoas e objetos. Segundo o autor, “se as pessoas podem agir sobre os objetos que as circundam, então, argumenta-se, que os objetos ‘agem de volta’ e fazem com que elas façam, ou permitem que elas alcancem, aquilo que elas de outro modo não conseguiriam” (INGOLD, 2012, p. 33).

Para Conolly (2010), existe correspondência entre os seres humanos e não-humanos, visto que, suas materialidades se constituem na experiência. Podemos pensar nisso observando uma pipa planando no ar (INGOLD, 2012). Ao pensar em uma pipa como um objeto deixamos de lado o vento que a faz voar, e assim esquecemos que antes de tudo ela é uma pipa-no-ar. Parece que o voo da pipa é resultado da interação ente o ser humano, que a empina e o objeto, que está voando. Ao contrário disso, ao refletirmos sob outra ótica, a pipa-no-ar estaria dotada de um princípio de intra-ação, entre o formato da pipa, o vento e o próprio ser humano (BARAD, 2007; INGOLD, 2012).

Refletir sobre uma ótica mais-que-humana nos percursos metodológicos da pesquisa é um compromisso ético e ontológico (SPRINGGAY; TRUMAN, 2017; HARAWAY, 2011). Ética é dar primazia às materializações que se emaranham ao passo em que fazemos parte, formando novas configurações, novas subjetividades ou até mesmo novas possibilidades se existir no mundo (BARAD, 2007). Esta perspectiva ontológica se concretiza na mudança de agir e pensar sobre o mundo, onde “nunca somos entidades categoricamente separadas, mas diferentemente implicados nos aspectos com os quais nos envolvemos” (THIELE, 2014, p. 392). Estar para~com~no mundo utilizando uma ótica mais-que-humana tem a função de desfazer categorias que dicotomizam os seres vivos e não vivos, horizontalizando as relações, e as concebendo em forma de *malha* (INGOLD, 2012). O conceito de malha está relacionado com os caminhos percorridos pelas pessoas, animais e pelos lugares por onde percorrem. Neste contexto, à medida que seus caminhos se cruzam é experimentado oclusões e transições que se desenrolam ao longo de uma miríade de caminhos tomados e por onde se captura múltiplos emaranhados (INGOLD, 2012).

Luciano e Chen (2015) afirmam que o movimento mais-que-humano pode potencializar

a cicatrização das rupturas causadas pela dicotomia ser humano e natureza. Sundberg (2014) considera que a perspectiva mais-que-humana é ir além das concepções antropocêntricas, descentralizando o ser humano sem o negá-lo. A perspectiva mais-que-humana é garantir que haja uma horizontalidade nas relações, buscando agir atentamente para as dualidades causadas pelas colonizações ou pelas violências raciais e de gênero. Pensar em um mundo centralizado no ser humano é, também, a desumanização dos contextos de seres humanos que não tem a lógica da sociedade hegemônica.

Jackson (2013, 2015) argumenta que as teorias humanas atuais, ainda, permanecem comprometidas com a racionalidade e o humanismo euro-ocidental. Ao separar os seres humanos da natureza, podemos levar a natureza a uma capacidade inativa, de *pano de fundo* ou até a associações negativas. Em consonância, Lee Edelman (2014) defende que animar o inumano não é exigir que o inumano seja reconhecido como humano. Do mesmo modo, o termo mais-que-humano não deve se tornar um conceito para incluir que as coisas, normalmente considerada inumanos, como humanos (SPRINGGAY; TRUMAN, 2017c). O mais-que-humano não deve apenas borrar as fronteiras entre o ser humano e o não-humano, mas sim propiciar uma reflexão de como essas categorias se emaranham, se chocam, gerando atrito e causando vazamento (LUCIANO; CHEN, 2015). Refletir sob a ótica mais-que-humana não é esquecer das distinções e diferenças, mas sim, compreender os efeitos que materializam, que se chocam e dão forma aos encontros do ser humano~natureza. Por meio dessa perspectiva, abre-se à possibilidade de compreender a *partilha* de experiências que existe entre os seres e as coisas que o habitam o mesmo mundo (HARAWAY, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologias ecológicas. Virada ontológica. Ecofenomenologia.

REFERÊNCIAS

BARAD, K. **Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning.** Durham, NC: Duke University Press, 2007.

BARAD, K. Posthumanist performativity: Toward an understanding of how matter comes to matter. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 28, n. 3, p. 801–831, 2003.

CONNOLLY, W. Materialities of experience. In: COOLE, D.; FROST, S. (eds). **New materialisms: ontology, agency, and politics**, p. 178-200, 2010.

HARAWAY, D. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64, 2011.

IARED, V. G. (Eco)Narrativa de uma caminhada na floresta australiana. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Rio Grande, v. 36, n. 3, p. 198-212, 2019.

IARED, V. G.; HOFSTATTER, L. J.; TULIO, A. D.; OLIVEIRA, H. T. Educação Ambiental Pós-Crítica como possibilidade para práticas educativas mais sensíveis. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, 2021.

IARED, V. G.; OLIVEIRA, H. T. Etnografia Caminhada para a Compreensão das Interações Corporais e Multissensoriais na Educação Ambiental. **Ambiente & Sociedade**, v. 20, n. 03,

pág. 97-114, 2017.

IARED, V. G.; OLIVEIRA, H. T.; PAYNE, F. A Experiência Estética da Natureza e a Fenomenologia Hermenêutica. **A Revista de Educação Ambiental**, v. 47, n. 03, pág. 191-201, 2016.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25-44. 2012.

INGOLD, T.; VERGUNST, J. L. **Ways of walking: ethnography and practice of Foot**. Surrey, UK: Ashgate Publishing, 2008.

JACKSON, Z. I. Animal: New directions in the theorization of race and posthumanism. **Feminist Studies**, v. 39, n. 3, p. 669–685, 2013.

JACKSON, Z. I. Outer worlds: The persistence of race in movement ‘beyond the human’. **Gay and Lesbian Quarterly**, v. 21, n. 2, p. 215–218, 2015.

LATHER, P.; PIERRE, E. A. Pesquisa Pós-Qualitativa. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 26, p. 629-633, 2013.

LEE EDELMAN, E. Walking while transgender: Necropolitical regulations of trans feminine bodies of colour. In HARITAWORN, J.; KUNTSMAN, A.; POSOCCO, S. (Eds.), **Queer necropolitics**. New York: Routledge, p. 172–190, 2014.

LUCIANO, D.; CHEN, M. Y. Introduction: Has the queer ever been human? **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 21, n. 2, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PAYNE, F. Qual o próximo? Materialismos pós-críticos na educação ambiental. **Revista de Educação Ambiental**, v. 47, n. 2, p. 169-178, 2016.

STEPHANIE, S.; TRUMAN, S. E. **Walkink methodologies in a more-than-human world: WalkingLab**. Nova York: Routledge, 2017.

SUNDBERG, J. Decolonizing posthumanist geographies. **Cultural Geographies**, v. 21, n. 1, p. 33–47, 2014.

THIELE, K. Ethos of diffraction: New paradigms for a (post)humanist ethics. **Parallax**, v. 20, n. 3, p. 202–216, 2014.

TREIN, E. A Educação Ambiental Crítica: crítica de que? **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, dez. 2012.